

100 ANOS DE MCLUHAN: IDEIAS QUE SE CONSOLIDAM

Grad. Iuri Yudi Furukita Baptista (UEL)
Profa. Orientadora Ms. Juliana dos Santos Barbosa (UEL)

RESUMO: Marshall McLuhan nunca esteve mais atual. Conceitos criados pelo canadense em estudos dos meios de massa dos anos 1960 e 1970 sempre foram considerados deslocados da cultura massiva moderna. Porém, na era da internet, cibercultura e sociedade em rede, termos como “tecnologias são extensões do corpo humano”, “o meio é a mensagem” e “a aldeia global”, ao invés de envelhecer, estão se tornando cada vez mais jovens.

PALAVRAS-CHAVE: Marshall McLuhan. Meios de comunicação. Comunicação em massa. Cibercultura. Tecnologia.

ABSTRACT: Marshall McLuhan has never been so brand new. His greatest mass media conceptions, created between 1960 and 1970, has been quite apart from modern mass culture. But, at internet, ciberculture and network society age, terms such “media as extensions of man”, “the medium is the message” and “Global Village” are getting younger and younger, instead of growing old.

KEYWORDS: Marshall McLuhan. Ciberculture. Mass culture. Technology.

1. INTRODUÇÃO

No dia 21 de julho de 2011, o pensador canadense Herbert Marshall McLuhan faria 100 anos. Com grandes estudos publicados nas décadas de 1960 e 1970, o comunicólogo é leitura obrigatória em qualquer ementa de teoria da comunicação, porém, usualmente ensinado como um autor de três frases que são decoradas como mantras, ao invés de estudadas e devidamente compreendidas. De acordo com Stille (2000), ao longo de sua vida, McLuhan publicou 25 livros sobre comunicação social, utilizando-se de uma habilidade peculiar para metáforas e comparações ao mesmo tempo incontestáveis e geradoras de reflexões radicais que são polêmicas até os dias atuais.

Almeida (2005), afirma que a superficialidade com que os ensinamentos de McLuhan são estudados pode ser comprovada no Brasil pela falta de republicações de seus livros. Excetuando-se por uma tradução de **Understanding me: lectures and interviews**, publicado pela Ediouro no país com o título **McLuhan por McLuhan**, não houve republicações em décadas. Os motivos para desvalorização do autor são compreensíveis: aforismos afastados da realidade, ausência de engajamento político e, principalmente, previsões sobre a cultura moderna que não se concretizaram.

As figuras de linguagem devem ser entendidas como um aspecto estilístico de exposição. A criatividade didática provavelmente é reflexo da proximidade do canadense com a área de propaganda e publicidade. Contudo, seus estudos são sobre os novos meios de comunicação e podem ser aplicados independentemente da finalidade que a mensagem veiculada possui, seja informar, persuadir ou sociabilizar. Por isso, a forma didática não deveria ser uma barreira para comunicólogos e sim um catalisador, pela linguagem fácil e exposição clara, sem cair em afirmações ambíguas por falta de firmeza. Esse aspecto direto de seu texto, algo de destaque no meio de autores sociais,

gerou uma de suas frases famosas, em crítica a outros autores da área: “Eu posso estar errado. Mas nunca em dúvida”.

McLuhan nunca posicionou sua teoria à esquerda ou direita política, ficando longe da discussão marxista que domina setores da teoria comunicativa. E, tampouco considera os meios de comunicação fatores políticos, pois como veremos, ele os compreende como objetos exclusivamente sociais. Esse enfoque “apolítico” de seu estudo pode ser considerado um grande diferencial, por propor uma visão dos meios de comunicação no contexto de estrutura social e não como um aparato ideológico. Tal proposta, porém, afasta-se da questão mais usual nos estudos da comunicação, que é sua função política, sempre pensada como algo que determina a estrutura social imposta por protagonistas da cultura de massa.

Por fim, o pensador de fato equivocou-se quanto à estrutura social que os então recém popularizados meios de comunicação em massa, no caso rádio e especificamente a televisão, originariam. Com base em suas compreensões de meio, mensagem e tecnologia, o teórico canadense apostou em uma estrutura social tribal, que ele chamaria de “aldeia global”, essa configuração, no entanto não se realizou. Pelo menos não na era da TV. Estudiosos da comunicação social contemporâneos, dentre eles Stille (2000), percebem a criação de uma estrutura social e cultural em rede, que talvez seja a “aldeia global” prevista, que teria acontecido alguns anos atrasada. Dessa forma, McLuhan poderia ser enxergado não como um profeta equivocado da cultura de massa, mas um teórico que deu início aos estudos da cibercultura.

Há pontos em favor de McLuhan: estudos como o de Walter Benjamin (1994) no ensaio “*A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*” apontam como certas revoluções técnicas determinaram as condições para mudanças estéticas e sociais. Nem sempre tais alterações são previsíveis nos momentos iniciais das inovações, como o provam atualmente inúmeros desdobramentos das novas tecnologias em comunicação. E seguramente seus pressupostos de interação entre o homem e a tecnologia vão sendo comprovados.

2. CONCEITOS DE MCLUHAN

Marshall McLuhan defende que os meios de comunicação são, como qualquer outra tecnologia, extensões do corpo humano. Tal qual óculos são extensões dos olhos humanos, os carros são de pés e pernas, as roupas da pele, os livros da memória, os telefone das bocas e ouvidos; os veículos de comunicação também aceleram e ampliam nossa comunicação verbal e visual. Essa metáfora dá nome a um dos livros mais importantes da teoria comunicativa, **Os meios de comunicação como extensões do homem**, que foi lançado em 1963 no Canadá e 1964 no EUA.

O autor considerava os aparelhos e aparatos tecnológicos projeções individuais, gerando uma “simulação tecnológica da consciência, pela qual o processo criativo do conhecimento se estenderá coletiva e corporativamente a toda a sociedade humana” (MCLUHAN, 1974: 17). Ou seja, nessas duas linhas, ele procura explicar algo que hoje é habitual, corriqueiro e compreendido com um único termo: virtual.

Antes da televisão se consolidar, o teórico canadense já percebia que as tecnologias levavam o homem a “viver” experiências sensoriais por meio de aparelhos. Há poucos anos, jogos de simulação virtual chocaram o mundo negativa e positivamente por suas explosões de popularidade. Porém, mais do que viver uma vida

virtual, a extensão do corpo humano permite que o processo de conhecimento seja libertado das amarras físicas, rompendo com todos os métodos de ensino tradicionais. McLuhan se detém a explicar a nova forma de aprender, principalmente como as escolas precisavam se adaptar às novas tecnologias e principalmente à nova cultura do virtual.

Algo importante de se ressaltar é que na década de 1960 já se falava no caráter corporativista do saber. Isaac Newton explicou ao apresentar suas leis, que estava sobre ombros de gigantes, McLuhan acredita que além de pressupor tudo que já foi descoberto, o conhecimento passaria a ser construído de forma global, algo que atualmente é conhecido como conhecimento coletivo.

Na página 25 do livro **Os meios de comunicação como extensões do homem**, Marshall McLuhan cita um discurso feito por David Sarnoff ao receber o título honorífico da Universidade de Notre Dame:

Estamos sempre inclinados a transformar o instrumental técnico em bode expiatório dos pecados praticados por aqueles que os manejam. Os produtos da ciência moderna, em si mesmos, não são bons nem maus: é o modo com que são empregados que determina o seu valor. (SARNOFF, apud MCLUHAN, 1974: 25)

Ainda hoje, parece ser uma afirmação impecável, mas não é. Impaciente, McLuhan desdenha, “É o mesmo que dizer: ‘Uma torta de maçã não é boa nem má: o seu valor é determinado pelo modo como são utilizadas’” (MCLUHAN, 1974: 25). O que ele acredita é que se pode e se deve determinar valores para as tecnologias, assim como para a torta de maçã. E isso tampouco significa que a compreensão do modo como é empregado um meio não seja importante. Incompreendida desde sua primeira publicação, essa concepção proposta pelo teórico levou-o a advertir no prefácio do livro: “Socialmente falando, o meio é a mensagem” (MCLUHAN, 1974).

Refletindo melhor sobre a afirmação de Sarnoff e destacando essa última afirmação, “o modo com que são empregados determina o seu valor”, fica claro o que o autor de **Os meios de comunicação como extensões do homem** quer diferenciar. O modo como os meios são empregados não podem determinar os valores dos meios, podem determinar exclusivamente o valor modo como foi empregado. McLuhan acredita que os meios não são neutros. Eles carregam valores próprios, sendo assim objetos passíveis de análises e críticas, pois em um aspecto social, o meio é o conteúdo principal, o meio é a mensagem.

No caso da torta de maçã, há um papel social que raramente é considerado, ela pode ser a razão da união de uma família em volta da mesa ou de qualquer outro evento social. Mas no caso da torta de maçã, o papel não fica claro, por isso o canadense afirma: “Sarnoff [...] ignora a natureza do meio, dos meios em geral e de qualquer meio em particular” (MCLUHAN, 1974: 25). Em seu exemplo:

A estrada de ferro não introduziu movimento, transporte, roda ou caminhos na sociedade humana, mas acelerou e ampliou a escala das funções humanas anteriores, criando tipos de cidades, de trabalho e de lazer totalmente novos. Isto se deu independentemente do fato de a ferrovia estar operando numa região tropical ou setentrional, sem nenhuma relação com o frete ou o conteúdo do veículo ferroviário. (MCLUHAN, 1974: 22)

Ou seja, a possibilidade de um trem levar armas, que matarão milhares de pessoas ou, ao contrário, estiver carregando comida e medicamentos para vítimas de

uma guerra, isso não é “característica” da tecnologia ferroviária, é uma responsabilidade de quem utiliza o meio de transporte para uma ou outra atividade. Porém, não exclui a percepção de que o veículo em si traz mudanças na realidade, principalmente nas estruturas sociais. A existência de um meio de transporte a vapor gerou mudanças significativas na humanidade, de acordo com McLuhan, que acredita: as tecnologias têm sim valores intrínsecos.

No exemplo do trem, se o importante em sua existência social não é o transporte de lixo ou ouro, qual é sua importância, sua mensagem? “O meio configura e controla a proporção e forma das ações e associações humanas.” (MCLUHAN, 1974: 23) Em adição à idéia de que as tecnologias são extensões de nosso corpo, ele percebe que elas diminuem nossa percepção de tempo e espaço, possibilitando novas grandezas nas ações humanas. Mais do que isso, as tecnologias transformaram as maneiras de interação entre indivíduos e assim criaram uma comunicação (não somente de informações, mas um canal de mercadorias, pessoas, dinheiro) para um grande grupo de indivíduos, que é determinante no processo comumente denominado globalização.

O trem não foi escolhido como comparativo a esmo: as mídias transportam informações, elas são literalmente veículos. E se um trem não é responsabilizado por carregar armas ou medicamentos, um jornal, a tecnologia televisiva ou radiofônica não podem ser caracterizadas por seu conteúdo. Por outro lado, pode-se atribuir a eles papéis determinantes em revoluções sociais. McLuhan indica que a prensa foi protagonista em mudanças sociais, como o individualismo e o nacionalismo no século XVI. Assim como as naus européias possibilitaram o descobrimento de novos continentes, os aviões, satélites e a internet geraram o mundo globalizado com as características contemporâneas.

McLuhan chamou esse mundo globalizado de Aldeia Global. Para o canadense, as pessoas conseguiriam compartilhar experiências culturais e conhecimentos com o mundo inteiro por meio da televisão e do rádio, resgatando em escala global algumas características de pequenas comunidades. Ele atenta ao fato de que existem meios quentes, meios frios e meios mistos. Ao primeiro grupo, pertencem o rádio e a comunicação oral, pois são baseadas no som, que é a propagação de energia em forma de ondas vibratórias. O som pode ser sentido por nossa pele, ele é um meio tátil que envolve o receptor e “massageia” seu corpo. Os meios frios são baseados na visão, como a escrita, em que não há a mesma característica tátil do áudio. E, evidentemente, os mistos interligam áudio e imagem ao mesmo tempo, como a televisão e o cinema.

É consensual a predominância dos meios quentes e da passagem do conhecimento oral até a invenção da prensa. Somente depois da popularização e aperfeiçoamento da invenção de Gutemberg que a sociedade ocidental mudou sua estrutura “tribal” para uma “civilização”. A mensagem impressa origina uma revolução na capacidade de atingir um maior número de receptores a partir de um único emissor e também ampliou as limitações espaços-temporais que uma mensagem poderia percorrer. Isso, para McLuhan, determinou grandes mudanças sociais, como a reforma protestante e a formação de estados nacionais. Alguns séculos depois, porém, o predomínio dos meios frios foi ameaçado.

O surgimento do cinema, do rádio e da televisão trouxeram de volta os meios quentes para protagonizar outra revolução. Nesse ponto de transição, Marshall McLuhan estuda os acontecimentos e faz projeções para o futuro. Ele percebe que o modelo educacional seria ultrapassado, que os limites espaços-temporais seriam ainda mais dilatados e que passaríamos a ter grande parte das experiências sensoriais através

de meios, vivendo assim em um mundo virtual. Outro aspecto foi inspirado nas comunidades tribais, em que o conhecimento era passado oralmente, sem a pressuposição inerente da escrita de racionalizações e linearidades. Com esse entendimento de que a sociedade ocidental voltaria a ter aspectos de uma aldeia, mas escala mundial, surge o conceito da Aldeia global.

Visão semelhante e digna de menção teve o poeta e pesquisador da comunicação Décio Pignatari (que também se interessava por McLuhan), quando apontou que os meios de comunicação de massa tornam anacrônicos os métodos tradicionais de ensino, já que o aluno pode

[...] com relativa facilidade, estar mais atualizado que o professor, lendo demais em seu bizarro e indiscriminado enciclopedismo especializado, resultado de uma experimentação obsoleta, onde ele não é treinado na experimentação seletiva. (2003: 93)

Pignatari propôs um ensino que fosse criado junto com a coisa ensinada, a partir de planejamentos móveis e a participação ativa e criativa dos alunos formando equipes de trabalho onde o professor passaria a ser coordenador. Claro está que Pignatari em primeiro lugar considerava os potenciais dos novos meios, não apenas este ou aquele de seus usos. Curiosamente, também escreveu em um período pré-internet, a partir dos potenciais que os novos meios desencadearam, apontando características para o futuro e igualmente visualizando interação entre global e grupal. McLuhan, como se vê, não esteve sozinho como visionário.

3. A CIBERCULTURA E MCLUHAN

É evidente que McLuhan não teve possibilidade de vivenciar a revolução digital, ele morreu duas décadas antes da internet ser inventada. Porém, como diz Stille (2000), “nos últimos anos, McLuhan está emergindo do cesto empoeirado da história para se tornar um ícone pop da Era da Internet”. Dentre as propostas recicladas por estudiosos contemporâneos, muitas das discussões levantadas por McLuhan ressurgem em Pierre Lévy, um comunicólogo e filósofo francês que tem como principal objeto de estudo a cibercultura.

No livro **Cibercultura**, um dos pioneiros na discussão sobre a internet e suas consequências sociais, Pierre Lévy analisa o conceito de técnica. Ele interpreta os meios como parte do humano: “[a técnica] responde aos propósitos de desenvolvedores e usuários que procuram aumentar a autonomia dos indivíduos e multiplicar suas faculdades cognitivas” (LÉVY, 1999: 24). Essa afirmação é a validação da contemporaneidade dos meios de comunicação como extensões do corpo humano proposto por McLuhan na década de 1960.

O francês também percebe que as máquinas e aparatos estão aumentando o alcance de nossos sentidos, nossas faculdades cognitivas e multiplicando nossas possibilidades no espaço-tempo. A diferença é que Lévy não enxerga a técnica do ponto de vista individual, “qualquer atribuição de um sentido único à técnica só pode ser dúbia”, afirma categoricamente. Por isso ele propõe inclusive inutilizar o termo no singular, uma vez que qualquer elemento técnico se trata, na verdade, de um conjunto. Por exemplo, para existir a escrita, que parece tão simples perto de televisões 3D ou internet wifi, foram necessários outros conhecimentos como a própria linguagem, o papel e a caneta ou o cinzel e o martelo.

Essa visão indissociável de técnicas parece ser fruto do surgimento de conhecimentos coletivos, da compreensão newtoniana de que estamos em ombros de gigantes. Mesmo que não esteja visível ou presente no cotidiano das pessoas, o modelo de vida atual é resultado de uma compilação milenar de criações e descobertas. Porém, assim como McLuhan previu, o conhecimento não é social apenas verticalmente, ele tornou-se coletivo horizontalmente. Comparando, “o processo criativo do conhecimento se estenderá coletiva e corporativamente a toda a sociedade humana” (MCLUHAN, 1974: 17), com a visão contemporânea de Lévy:

O ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva. [...] Os pesquisadores e estudantes do mundo inteiro trocam idéias, artigos, imagens, experiências ou observações em conferências eletrônicas organizadas de acordo com os interesses específicos. (LÉVY, 1999: 29)

Percebemos que a previsão do canadense se concretizou e ganhou o nome de conhecimento coletivo.

Por fim, logo no primeiro capítulo de **Cibercultura**, seu autor procura responder a questão: “as tecnologias têm um impacto?”. E a resposta é parecida com a encontrada pelo canadense, existindo uma divergência entre o determinismo e o indeterminismo dos meios de comunicação na estrutura social. Se para o primeiro teórico, as tecnologias tinham uma característica própria e individual, gerando um impacto direto na sociedade, Lévy, acredita que o termo impacto não é apropriado. Por considerar as tecnologias como indissociáveis do contexto histórico-social e necessariamente plural, ele diz que algo que é um dos elementos internos dessa estrutura não pode impactá-la individualmente. As tecnologias são capazes, portanto, de apenas condicionar.

Ele continua, “Uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas. E digo condicionada, não determinada” (LÉVY, 1999: 25). Essa diferença é fundamental, pois os meios não são causas e sim participantes do processo, “significa dizer que abre algumas possibilidades, que algumas opções culturais ou sociais não poderiam ser pensadas a sério sem sua presença” (LÉVY, 1999: 25). É um pensamento com grande proximidade do clássico mcluhiano, “o meio é a mensagem”:

Uma técnica não é boa, nem má (isto depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades). Não se trata de avaliar seus ‘impactos’, mas de situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular projetos que explorariam as virtualidade que ela transporta e de decidir o que fazer dela”. (LÉVY, 1999: 26)

Assim como Lévy diz que o fator condicionante da técnica impede-a de ser neutra, McLuhan lembra que “socialmente falando, o meio é a mensagem”. Em seus estudos, o teórico dos anos 1960 compreendeu que os meios de comunicação são protagonistas na história da humanidade, em **A Galáxia de Gutenberg**, ele procura demonstrar que a invenção da prensa fez a Europa rumar ao secularismo, aos Estados Nação e ao desenvolvimento da ciência.

Lévy, provavelmente consciente do exemplo dado por McLuhan, contra-argumenta que “a prensa de Gutenberg não determinou a crise da Reforma, nem o desenvolvimento da moderna ciência européia, [...] apenas condicionou-as”. (LÉVY,

1999: 26) Isso porque além da invenção da prensa, outros fatores culturais e sociais foram necessários para que essas mudanças acontecessem. E se ele acredita que essas três condicionantes são indissociáveis, não há como pensar que a invenção de Gutenberg foi quem originou o secularismo, estado moderno ou as grandes navegações.

Trazendo para os dias atuais, implicaria que a internet não deve ser analisada por reproduzir conteúdos fúteis e mentirosos, assim como também, disseminar cultura e oportunidades, pois não se tratam de características da internet. Por outro lado, o surgimento de um novo paradigma de comunicação em massa é sim um ponto de análise e julgamento que se refere à cibercultura. A pergunta, portanto, é “que mudança social a cibercultura traz em si?”. E essa questão será respondida com a tendência à organização em rede, o surgimento de uma estrutura hierárquica diferente da vertical.

A análise do progresso tecnológico publicada em 1963 demonstrou o rumo ao que McLuhan chamaria de Aldeia Global, um mundo globalizado, com diminuição das distâncias e tempo, tornando as ações e associações humanas cada vez mais amplas. “As fronteiras geográficas estão diluídas, o mundo atual está interligado (plugado) no aqui-agora pela simultaneidade da mídia” (ALMEIDA, 2005). E as características culturais desse mundo globalizado são interpretadas com bastante propriedade no Brasil por Massimo Di Felice.

Na organização social da comunicação, a internet muda o tradicional paradigma Lasswell, em que receptor e emissor são diferentes e estáticos, ou seja, um esquema unidirecional da comunicação em massa. Para Baldessar (2008), “aldeia global preconizada por Marshall McLuhan está em pleno funcionamento”. Felice considera a nova formatação é “mais que um fluxo unidirecional, a comunicação em rede apresenta-se como um conjunto de teias nas quais é impossível reconstruir uma única fonte de emissão, um único sentido e direção”. (FELICE, 2008: 45) E essa mudança reflete nas estruturas político-econômicas, gerando uma nova esfera pública.

Em entrevista publicada n’O Estado de S. Paulo, Felice diz: “A internet cria uma arquitetura informativa absolutamente distinta das anteriores e, mais do que isso, cria um novo tipo de democracia e um novo tipo de opinião pública.” (FELICE, 2010) E essa nova democracia e opinião pública deixam de ser opinativa e massiva para ser colaborativa, convidando todos os cidadãos a participarem, a “fazerem sua parte”.

No contexto dos meios de comunicação atual, o fato da internet permitir a reprodução de conteúdos fúteis e mentirosos, assim como também disseminar cultura e oportunidades, representa o mesmo entrave das armas e medicamentos: o dilema não é uma característica da internet. Para estudar a internet como um meio, como um meio que é a mensagem, é preciso foca-se em outro ponto: o social.

Portanto se a prensa trouxe uma nova ordem social e cultural, como analisaram McLuhan e Levy, a internet, por meio da cibercultura provavelmente segue o rumo descoberto por Felice. A estrutura deixará de ser a democracia representativa, para ser uma democracia colaborativa. Assim como na cultura deixa-se de ter “ídolos” representativos e emissores da lógica cultural para a construção de uma lógica difusa e construída colaborativamente, a política e economia deixarão de serem representadas em indivíduos, para o surgimento da estrutura em rede.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias e conceitos de McLuhan estão de fato se tornando cada vez mais jovens. “O meio é a mensagem”, “Os meios de comunicação como extensões do homem” e “Aldeia global” nunca pareceram tão próximos da realidade. O olhar estritamente social é reproduzido por autores da cibercultura, que não se limitam mais a revelar os usos político-sociais dos meios de comunicação, mas suas possibilidades na organização social, ou, em outros termos, partindo de possibilidades técnicas, conjugam-nas com possibilidades sociais. Isso porque a figura do emissor se diluiu no emaranhado das redes comunicacionais, sendo difícil atribuir vontades individuais ou dominação de um elemento em relação aos outros no conjunto que para Lévy agrega sociedade, técnica e cultura.

Mas esse artigo tem pouca pretensão em suas considerações finais acerca da cibercultura, que sequer pode ser considerada estabilizada. Com a exceção do determinismo tecnológico defendido por McLuhan, seus conceitos foram validados por teóricos contemporâneos. É extremamente curiosa a possibilidade de se olhar para o passado e descobrir quem acertou os palpites para o futuro. E conforme esse artigo analisou, McLuhan não apenas desenvolveu um novo método de pensar os meios de comunicação, como também mostrou que suas previsões para o futuro da estrutura social estavam corretas.

Há, portanto, nesse momento, a possibilidade de redenção de um autor que por anos foi incompreendido, ou melhor, tido como um profeta, cujas previsões originaram-se da sorte e adivinhação. Mas o mais importante é que o fato de ter ganhado as apostas, leva a uma próxima pergunta: Ao analisar a imprensa, a televisão e o rádio, McLuhan conseguiu perceber as predisposições que surgiram somente décadas depois com a evolução da internet, ou apenas teve boa intuição? A pertinência da questão é que ela pode levar a uma chave analítica e a uma maturação teórica essenciais para o desenho do futuro, em termos técnicos e humanos.

5. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Airton Lorenzoni. **O “velho” profeta-aldeão McLuhan está de volta.** Revista Espaço Acadêmico nº 55, 2005. Disponível em:
<http://www.espacoacademico.com.br/055/55mh_almeida.htm>. Acesso em 08 de julho de 2011.
- BALDESSAR, Maria José. **McLuhan e McBride: duas utopias superadas pela tecnologia e pela Internet.** Revista Ciberlegenda, ano 10, nº 20, 2008. Disponível em:
<<http://www.uff.br/ciberlegenda/artigo8junho2008.html>>. Acesso em: 10 de maio de 2011.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DANTON, Gian. **O profeta da Aldeia Global.** Disponível em:
<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=736&titulo=O_profeta_da_aldeia_global>. Acesso em: 21 de março de 2011.
- FELICE, Massimo di. Das tecnologias da democracia para as tecnologias da colaboração. In: FELICE, Massimo di (Org). **Do público para as redes.** São Caetano do Sul: Difusão, 2008.

- FELICE, Massimo di. **Cidadãos 365 dias por ano**. São Paulo: 2010. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 24 abr. 2010. Entrevista concedida a Christian Carvalho Cruz. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,cidadaos-365-dias-por-ano,542532,0.htm>>. Acesso em: 08 de julho de 2011.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LIMA, Karina Medeiros de. **Determinismo Tecnológico**. Campo Grande: XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, 2001. Disponível em: <http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/determinismo.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2011.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões humanas**. São Paulo: ed. Cultrix 1974.
- MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo 1972.
- PIGNATARI, Décio. **Informação, Linguagem, Comunicação**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2002
- STILLE, Alexander. Marshall McLuhan Is Back From the Dustbin of History; With the Internet, His Ideas Again Seem Ahead of Their Time. New York: **The New York Times**, 14 out. 2000 p.9. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2000/10/14/arts/marshall-mcluhan-back-dustbin-history-with-internet-his-ideas-again-seem-ahead.html>>. Acesso em: 23 de março de 2011
- WOLFE, Tom. **Introdução de McLuhan por McLuhan**. Rio de Janeiro: Ediouro 2005.